

Laudato si', uma proposta de superação da violência

Laudato si', a proposal for overcoming violence

Márcia Helena Rodrigues Paroli¹

Resumo

A partir de um breve entendimento da microfísica da violência, considerando o artigo de José Vicente Tavares dos Santos, procurar-se-á debruçar-se na encíclica de papa Francisco *Laudato si'*, como uma nítida proposta de superação da violência que emerge no cuidado da casa comum e na construção de uma ecologia integral. Procurar-se-á situar o documento que possui um endereço diferenciado dos demais documentos do magistério da Igreja católica apostólica romana. Na sequência, deter-se-á nas constatações de José Vicente Tavares dos Santos, que afirma que a violência se encontra difusa em todos os continentes e que a globalização trouxe também a mundialização de novos problemas, particularmente, o da desigualdade social. Dessa feita, questiona-se se há ainda lugar para a solidariedade, diante de uma sociedade individualista, solitária e narcisista, que perdeu os valores coletivos. A encíclica *Laudato si'* traz algumas propostas de enfrentamento dessa realidade; particularmente no capítulo quatro, aponta que é preciso uma nova postura diante da ecologia ambiental, econômica e social; da ecologia cultural; da ecologia da vida cotidiana; do princípio do bem comum e da justiça intergeracional. O papa solicita, em toda a encíclica, a mudança do comportamento violento em todos os níveis, resgatando a harmonia da criação e o equilíbrio ecológico.

Palavras-chave

Violência. *Laudato si'*. Casa comum. Ecologia integral.

Abstract

From a brief understanding of the microphysics of violence, considering the article by José Vicente Tavares dos Santos, we will look at pope Francis *Laudato si'*'s encyclical, as a clear proposal to overcome the violence that emerges in care. of the common house and the construction of an integral ecology. We will try to locate the document that has a different address from the other documents of the magisterium of the Roman Apostolic Catholic Church. Then, we will stop by the findings of José Vicente Tavares dos Santos, who states that violence is widespread on all continents and that globalization has also brought the globalization of new problems, particularly that of social inequality. This time, one wonders if there is still room for solidarity in the face of an individualistic, lonely and narcissistic society that has lost its collective values. The encyclical *Laudato si'* brings some proposals to confront this reality; particularly in chapter four, he points out that a new approach to environmental, economic and social ecology is needed; of cultural ecology; the ecology of everyday life; the principle of the common good and intergenerational justice. The pope asks throughout the encyclical for a change in behavior.

Keywords

Violence. *Laudato si'*. Common house. Integral ecology.

¹ Doutoranda em Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). Mestra em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Especialista em Pastoral da Educação e Protagonismo pela (PUCPR). Pedagoga pela Faculdade de Ciências e Letras de Cascavel (FECIVEL). Licenciada em Filosofia pelo Pontifício Ateneu Antonianum Roma. Bacharel em Teologia pela Faculdade Missioneira do Paraná (FAMIPAR). Autora de livros didáticos de ensino religioso. Contato: marciahelena-fa@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Geralmente os documentos da Igreja católica apostólica romana são destinados aos bispos e estendidos aos cristãos católicos. A encíclica *Laudato si'*, sobre o cuidado da casa comum, não se dirige somente aos cristãos, escreve o papa.

O urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de *unir toda a família humana* na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar. O Criador não nos abandona, nunca recua no seu projeto de amor, nem se arrepende de nos ter criado. A humanidade possui ainda a capacidade de colaborar na construção da nossa casa comum. (LS 13, grifo nosso).

Percebe-se, então, que a encíclica é um apelo a toda a “família humana”, que, na condição de criaturas, portanto, seres criados, são convocados a tomar uma posição. Ele afirma que a mesma está dentro do arcabouço dos documentos sociais da Igreja, situa dessa forma o objetivo e, metodologicamente, diz o percurso que pretende fazer.

Espero que esta carta encíclica, que se insere no magistério social da Igreja, nos ajude a reconhecer a grandeza, a urgência e a beleza do desafio que temos pela frente. Em primeiro lugar, farei uma breve resenha dos vários aspectos da atual crise ecológica, com o objetivo de assumir os melhores frutos da pesquisa científica atualmente disponível, deixar-se tocar por ela em profundidade e dar uma base concreta ao percurso ético e espiritual seguido. A partir desta panorâmica, retomarei algumas argumentações que derivam da tradição judaico-cristã, a fim de dar maior coerência ao nosso compromisso com o meio ambiente. Depois procurarei chegar às raízes da situação atual, de modo a individuar não apenas os seus sintomas, mas também as causas mais profundas. Poderemos assim propor uma ecologia que, nas suas várias dimensões, integre o lugar específico que o ser humano ocupa neste mundo e as suas relações com a realidade que o rodeia. À luz desta reflexão, quereria dar mais um passo, verificando algumas das grandes linhas de diálogo e de ação que envolvem seja cada um de nós seja a política internacional. Finalmente, convencido – como estou – de que toda a mudança tem necessidade de motivações e dum caminho educativo, proporei algumas linhas de maturação humana inspiradas no tesouro da experiência espiritual cristã. (LS 15)

Uma vez situado o leitor no caminho percorrido na encíclica, passar-se-á a delinear o percurso que se pretende percorrer nesta abordagem. Primeiramente, procurar-se-á entender a microfísica da violência, apoiando-se no artigo de José Vicente Tavares dos Santos. Um segundo momento será marcado pela leitura e interpretação do capítulo quarto da encíclica *Laudato si'*.

1 A MICROFÍSICA DA VIOLÊNCIA

José Vicente Tavares dos Santos parte da constatação de que a violência se encontra difusa em todos os continentes; a globalização trouxe também a mundialização de novos problemas, particularmente, o da desigualdade social. Afirma que a globalização se nutre da desigualdade.

A posição social das populações mais diretamente atingidas pela globalização caracteriza-se pela desigualdade de oportunidades de vida, isto é, um acesso desigual a recursos e uma vivência de situações sociais desiguais, as quais podem ser resumidas em oito dimensões: saúde; habitação; trabalho; educação; relações de sociabilidade; segurança; informação e conhecimento; e participação política. Poderíamos reconhecer, em cada uma dessas dimensões, em relação à conscientização dos agentes sociais e de suas distintas posições de classe, de gênero e de etnia, a configuração de novas questões sociais mundiais[...] 'Isto significa que "a globalização não diz respeito apenas ao que está 'lá fora', afastado e muito distante do indivíduo. A globalização não diz respeito apenas ao que está 'lá fora', afastado e muito distante do indivíduo. É também um fenômeno que se dá 'aqui dentro', influenciando aspectos íntimos e pessoais de nossas vidas'. (SANTOS, 2002, p. ?).

Segundo o autor, vive-se em uma constante situação de risco, e este pode ser externo, proposto naturalmente pelo mundo ou 'risco fabricado', que é consequência da própria ação humana na natureza. Vive-se em uma intersecção da violência da insegurança e do mal-estar difuso.

Os meios de comunicação alimentam-se dessas situações e se encarregam de proclamar o "sensacional", criando realidades. Tais atos de violência, segundo Rosanvallon (1995, p. ?), têm origem "nos processos de fragmentação social: "a desagregação dos princípios organizadores da solidariedade; a crise da concepção tradicional dos direitos sociais em oferecer um quadro para pensar os excluídos; vive-se, portanto, imerso na incerteza e no desencanto."

Nesse contexto, Silva questiona se há ainda lugar para a solidariedade, diante de uma sociedade individualista, solitária e narcisista, que perdeu os valores coletivos. Tal qual numa selva, cada um tenta sobreviver como pode. E, como a ideologia de mercado apregoa que os bens são para todos, aqueles que não conseguem adquirir passam a usar de violência para realizar o desejo mimético de ser/ter.

Como as instituições estão enfraquecidas, há perda total de controle, constata-se que o problema da violência não tem cunho exclusivamente econômico, político (causas eficientes) e há de se considerar a existência de uma microfísica da violência, de onde emergem os conceitos de coerção e força.

A noção de coerção, ou de força, supõe um dano que se produz em outro indivíduo ou grupo social, seja pertencente a uma classe ou categoria social, a um gênero ou a uma etnia. Envolve uma polivalente gama de dimensões, materiais, corporais e simbólicas, agindo de modo específico na coerção com dano que se efetiva. A afirmação de um dano supõe o reconhecimento das normas sociais vigentes, pertinentes a cada sociedade, em um período histórico determinado, normas que balizarão os padrões de legitimidade: a violência define-se então como um fenômeno cultural e histórico. Revela-se como um procedimento de caráter racional, o qual envolve, em sua própria racionalidade, o arbítrio, na medida em que o desencadear da violência produz efeitos incontroláveis e imprevisíveis. Simultaneamente, nas composições macrossociais, a violência é fundadora de uma sociedade dividida e desigual, fundada em relações de dominação e de submissão. (SANTOS, 2002, p. 3).

Portanto, para se reconhecer que algo é um dano, é preciso verificar as normas locais. A violência, esta inserida numa rede de dominação e exclusão, pode também ser considerada como dispositivo de poder mediante a força e a coerção. Tal ação, antes de ser visível, é anunciada como violência simbólica; assim a define Bourdieu:

[...] considera como violência simbólica toda coerção que só se institui por intermédio da adesão que o dominado acorda ao dominante (portanto, à dominação) quando, para pensar e se pensar ou para pensar sua relação com ele, dispõe apenas de instrumentos de conhecimento que têm em comum com o dominante e que fazem com que essa relação pareça natural. (BOURDIEU, 1997, p. 204).

Para Bourdieu, violência simbólica é vista como a forma de coação que se apoia no reconhecimento de uma imposição determinada, seja esta econômica, social ou simbólica.

Tal violência faz com que o ser humano aja sob uma força já estabelecida que se impõe pelo discurso, pela tradição e pelos costumes, mostrando-se como única via que pode ser percorrida, imposta pelo poder simbólico.

Além de submeter-se à violência por reproduzir aleatoriamente o sistema, a pessoa pode também tornar-se reprodutora da violência, contribuindo para dilacerar o tecido social tornando cada vez mais discriminatório, elitista e excludente componente dessa “microfísica do poder”, como descreveu Foucault. Para Santos, é preciso compreender como essa se dá para poder fazer uma análise do que ele chama de “microfísica da violência”.

Segundo Deleuze (1989, p. 38-39), a violência configura-se “como uma disposição de controle, aberta e contínua”. Poderia se sintetizar desta forma: a violência como dispositivo de poder é imposta pela disciplina e gera um dano social.

A saída para essa “cidadania dilacerada” (SANTOS, 2002, p. 3) pode estar na construção de uma ética da solidariedade com base no respeito ao outro e na construção de uma cidadania social.

2 LAUDATO SI' E A SUPERAÇÃO DA VIOLÊNCIA

O capítulo quarto da encíclica *Laudato si'* aborda o tema da ecologia integral, portanto, remete o leitor para uma visão ampla, em que o ser humano é convidado a recuperar a dimensão de ser parte de um todo maior e, portanto, dependente e não mero predador violento.

Papa Francisco passa então a esmiuçar os componentes que precisam ser considerados nesta busca pela ecologia integral: ecologia ambiental, econômica e social; ecologia cultural; ecologia da vida cotidiana; o princípio do bem comum; e a justiça intergeracional.

2.1 Ecologia ambiental, econômica e social

Assim define ecologia: “A ecologia estuda as relações entre os organismos vivos e o meio ambiente onde se desenvolvem” (LS 138) relações, portanto, todos são afetados, até mesmo a menor ação pode edificar ou desequilibrar a todos. Questiona os atuais modelos de desenvolvimento, de produção e de consumo e diz ser indispensável uma visão ampliada desse todo complexo; para tanto, é preciso ouvir os cientistas sobre o impacto de certas decisões.

Francisco não é ingênuo; percebe que as decisões são tomadas a partir de uma única ótica: a do poder e do lucro imediato, sem que haja corresponsabilidade.

Além disso, o crescimento econômico tende a gerar automatismos e a homogeneizar, a fim de simplificar os processos e reduzir os custos. Por isso, é necessária uma ecologia econômica, capaz de induzir a considerar a realidade de forma mais ampla. Com efeito, “a proteção do meio ambiente deverá constituir parte integrante do processo de desenvolvimento e não poderá ser considerada isoladamente”. Mas, ao mesmo tempo, torna-se atual a necessidade imperiosa do humanismo, que faz apelo aos distintos saberes, incluindo o econômico, para uma visão mais integral e integradora. Hoje, a análise dos problemas ambientais é inseparável da análise dos contextos humanos, familiares, laborais, urbanos, e da relação de cada pessoa consigo mesma, que gera um modo específico de se relacionar com os outros e com o meio ambiente. Há uma interação entre os ecossistemas e entre os diferentes mundos de referência social e, assim, se demonstra mais uma vez que “o todo é superior à parte”. (LS 141).

Nesse parágrafo, Francisco já aponta uma possível saída para a construção de uma ecologia integral, retornar ao humanismo integrador.

2.2 Ecologia cultural

O papa atesta que, além da perda dos recursos naturais, tem-se perdido o patrimônio histórico, artístico e cultural, o que constitui o caráter identitário, portanto, há uma violência sendo praticada.

É notória a irreverência das novas gerações em relação às anteriores; é perceptível o mal-estar intergeracional. Os jovens, por dominarem o aparato tecnológico, parecem crer ser esse o único e irrefutável *modus operandi*, e que tudo mais é obsoleto e retrógrado. Faz-se memória de uma afirmação do biblista Johan Konings, que, em uma conferência, afirmava que “ignorar a tradição é como cortar o galho onde se está sentado”.

Há uma violência explícita na tendência a globalizar as culturas, se mutila a variedade cultural à qual o papa chama de “tesouro da humanidade” (LS 143).

Muitas formas de intensa exploração e degradação do meio ambiente podem esgotar não só os meios locais de subsistência, mas também os recursos sociais que consentiram um modo de viver que sustentou, durante longo tempo, uma identidade cultural e um sentido da existência e da convivência social. O desaparecimento duma cultura pode ser tanto ou mais grave do que o desaparecimento duma espécie animal ou vegetal. A imposição dum estilo

hegemônico de vida ligado a um modo de produção pode ser tão nocivo como a alteração dos ecossistemas. (LS 145).

A superação dessa massificação, segundo Francisco, se dá pela preservação das culturas locais, particularmente dos grupos minoritários, e tal ação passa pela preservação dos territórios, tal qual o Antigo Israel tem na terra um sinal de benção divina e cultivo da memória do ancestrais.

2.3 Ecologia da vida cotidiana

Francisco atrela o progresso à qualidade de vida; os ambientes onde vivemos têm que propiciar harmonia, saúde e bem-estar; e reconhece que há muitos grupos empenhados em tornar os ambientes mais salubres.

Reconhece, no entanto, que muito do caos em que se vive está atrelado à indigência:

Inversamente está provado que a penúria extrema vivida nalguns ambientes privados de harmonia, magnanimidade e possibilidade de integração facilita o aparecimento de comportamentos desumanos e a manipulação das pessoas por organizações criminosas. Para os habitantes de bairros periféricos muito precários, a experiência diária de passar da superlotação ao anonimato social, que se vive nas grandes cidades, pode provocar uma sensação de desenraizamento que favorece comportamentos antissociais e violência. Todavia tenho a peito reiterar que o amor é mais forte. Muitas pessoas, nestas condições, são capazes de tecer laços de pertença e convivência que transformam a superlotação numa experiência comunitária, onde se derrubam os muros do eu e superam as barreiras do egoísmo. Esta experiência de salvação comunitária é o que muitas vezes suscita reações criativas para melhorar um edifício ou um bairro. (LS 149).

Parece fazer eco a uma fala de dom Helder Câmara: “os excluídos se tornarão opressores”, ou ainda o desejo humano de “nomia”, ser considerado, ser visto, sentir-se incluído no tecido social.

O não pertencer pode ser causa de violência ou de agregação a grupos degradantes da própria dignidade.

Também nesse aspecto o papa solicita que, ao projetar e construir, se tenha uma visão mais ampla para onde sejam considerados os impactos físicos e sociais.

Um mecanismo de superação da violência é possibilitar que todos tenham as condições básicas de sobrevivência (moradia, alimentação, saúde e educação); a desigualdade desumaniza. Termina esse tópico falando da necessidade do cuidado com o próprio corpo, para que esse possa ser um bom instrumento para o respeito da dignidade do outro.

2.4 O princípio do bem comum

Tão presente em todos os documentos da doutrina social da Igreja católica é retomado por Francisco e ele o coloca como “papel central e unificador na ética social” (LS 156).

Laudato si', uma proposta de superação da violência

O bem comum pressupõe o respeito pela pessoa humana enquanto tal, com direitos fundamentais e inalienáveis orientados para o seu desenvolvimento integral. Exige também os dispositivos de bem-estar e segurança social e o desenvolvimento dos vários grupos intermédios, aplicando o princípio da subsidiariedade. Entre tais grupos, destaca-se de forma especial a família enquanto célula basilar da sociedade. Por fim, o bem comum requer a paz social, isto é, a estabilidade e a segurança de uma certa ordem, que não se realiza sem uma atenção particular à justiça distributiva, cuja violação gera sempre violência. Toda a sociedade – e, nela, especialmente o Estado – tem obrigação de defender e promover o bem comum. (LS 157).

A terra, e o que ela produz, é de todos e para todos, urge, portanto, resgatar a solidariedade e a opção preferencial pelos pobres, que, para o papa, é uma exigência ética fundamental.

2.5 A justiça intergeracional

Ao abordar esse tópico, o papa faz um apelo a um compromisso com as gerações futuras:

Com que finalidade passamos por este mundo? Para que viemos a esta vida? Para que trabalhamos e lutamos? Que necessidade tem de nós esta terra? Por isso, já não basta dizer que devemos preocupar-nos com as gerações futuras; exige-se ter consciência de que é a nossa própria dignidade que está em jogo. Somos nós os primeiros interessados em deixar um planeta habitável para a humanidade que nos vai suceder. Trata-se de um drama para nós mesmos, porque isto chama em causa o significado da nossa passagem por esta terra. (LS 160).

Faz um convite a ouvir os ambientalistas, e a não desprezar os anúncios catastróficos que estão sendo anunciados. É urgente repensar a equação bem-estar/consumo e desperdício, tanto material como humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebeu-se, no decorrer deste estudo que religião, poder e violência estão imbricados e como, ao longo da história, em nome de uma crença, se cometeram inúmeras formas de violência individual e coletiva, física e simbólica.

Tal violência, em nossos dias, é muito mais visível, dada a imediatez com que as notícias do mundo inteiro chegam, tais quais uma avalanche. Se, de um lado, se conhece mais as realidades distantes, de outro, o constante acesso às mais inúmeras violências pode fazer com que o espectador se ‘acostume’ e passe a achar normal.

A violência é causada, em grande parte, pela usurpação da dignidade humana e da criação como um todo. A desigualdade social, o consumismo, a exploração humana e da natureza, a globalização da miséria material e cultural levam ao caos em que se vive.

Na encíclica *Laudato si'*, o papa faz um apelo a toda a humanidade para rever a própria postura diante das inúmeras propostas de bem-estar que a sociedade tem ofertado. Convoca a

Revista Brasileira de Diálogo Ecumênico e Inter-religioso

todos a mudarem de visão, a escutarem os que têm atestado a fragilidade do atual sistema e suas catastróficas consequências para a humanidade como um todo.

Particularmente no capítulo quatro, aponta que é preciso uma nova postura diante da ecologia ambiental, econômica e social; da ecologia cultural; da ecologia da vida cotidiana; do princípio do bem comum e da justiça intergeracional.

Solicita, em toda a encíclica, a mudança do comportamento violento em todos os níveis, resgatando a harmonia da criação e o equilíbrio ecológico. ✨

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Meditations pascaliennes**. Paris: Seuil, 1997.

DELEUZE, Gilles. Qu'est-ce qu'un dispositif? In: FOUCAULT, Michel. **Philosophe**. Paris: Seuil, 1989. p. 185-195.

FRANCISCO. **Encíclica Laudato si'**. Sobre o cuidado da casa comum. Brasília: Edições CNBB, 2015.

GIDDENS, Anthony. *Mundo em descontrolado*: o que a globalização está fazendo de nós. Rio de Janeiro, Record, 2000.

ROSANVALLON, Pierre. **La nouvelle question sociale**. Paris: Seuil, 1995.

SANTOS, José Vicente Tavares do. A violência simbólica: o Estado e as práticas sociais. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n.108, p. 183-190, dez. 2015.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. Microfísica da violência, uma questão social mundial. **Ciência e cultura**, São Paulo, v. 54, n. 1, p. 3, jun./set. 2002.